

# O PROCESSO AUTOFORMATIVO COMO UM PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO DE SI: UM OLHAR TRANSDISCIPLINAR PARA MEU CAMINHO AUTOFORMATIVO

CAROLINA SANTOS DE MIRANDA

RUTH DO NASCIMENTO FIRME

GILVANEIDE FERREIRA DE OLIVEIRA

## RESUMO

A sociedade mudou principalmente com o advento e utilização da tecnologia, entramos em uma crise, que antes de tudo, é uma crise humana. Nos especializamos demais, nos tornamos individualistas, deixamos de olhar para as outras dimensões que nos rodeia. Por isso precisamos ampliar nosso olhar e enxergar a complexidade e transdisciplinaridade que nos rodeia, para isso, precisamos enxergarmos a nós mesmos. Diante dessa realidade complexa que precisa ser enxergada tenho como objetivo nesse texto narrar as experiências vivenciadas em meu processo autoformativo como pesquisadora, e assim discutirei transdisciplinarmente o que narrei e percebi de mim mesma, nesse momento de vivência autoformativa, respondendo ao seguinte questionamento: Como o meu processo de autoformar-se constitui-se num processo humanizador de natureza transdisciplinar? Para tanto discutimos conceitos como transdisciplinaridade a partir de Bassarab Nicolescu e autoformação tendo Gaston Pineau como principal teórico. É uma pesquisa qualitativa, utilizando o método biográfico para a construção de dados, assim como para desenvolver a vivência autoformativa. Nosso contexto de pesquisa foi a vivência autoformativa e os participantes foram professores de ciências que se engajaram no movimento autoformador, mas neste texto irei destacar o que aprendi e narrei, ou seja, serei a principal participante. Desenvolvemos os momentos da vivência autoformativa em ambiente remoto que se resumiram em cinco semanas. Para analisar os dados nos orientamos pela Análise Hermenêutica-fenomenológica (AHF) com base em Paul Ricoeur e Maximina Freire. A partir da análise pudemos compreender o quanto narrar e ouvir narrativas foi importante para que eu me aproximasse mais de me tornar um sujeito da transdisciplinaridade e assim transcender. Concluo trazendo a reflexão a importância de olhar para Si.

**Palavras-chave:** autoformação; transdisciplinaridade; autobiografia.

## INTRODUÇÃO

“O velho limite sagrado entre o horário de trabalho e o tempo pessoal desapareceu. Estamos permanentemente disponíveis, sempre no posto de trabalho”.

“Esquecemos o amor, a amizade, os sentimentos, o trabalho bem feito. O que se consome, o que se compra, são apenas sedativos morais que tranquilizam seus escrúpulos éticos”. (BAUMAN, 2001)

**A**s citações do pensamento de Zygmunt Bauman em “modernidade líquida”, expõe a realidade da nossa sociedade contemporânea, cheia de atividades, com horários cheios, e vazia de relações e afetividade. Em uma sociedade desta que cada vez as pessoas se fecham para as relações, porque não podem “perder tempo” com as coisas simples da vida, como o afeto que emerge das relações, como se espera que esse ser humano consiga ter sensibilidade o suficiente para olhar para si mesmo?

Olhar para si, se autoconhecer, autoformar-se, são palavras que hoje ouvimos com mais frequência no âmbito acadêmico e social, então isso são indícios, mesmo que pequenos, que a sociedade está tentando mudar, pois desde o advento da tecnologia, se agravou uma crise, que antes de tudo, é uma crise humana.

Capra (1982) afirma isso quando diz que a crise que vivemos hoje é humana, mas não é apenas de um indivíduo, e sim da sociedade, da civilização, do ecossistema, ou seja, planetária e os indícios disso são o declínio do patriarcado, o final da era do combustível fóssil e a mudança paradigmática no âmbito cultural com a perda de força da cultura sensualista<sup>1</sup>.

Maffesoli (1998) também mostra indícios dessa crise, a nível social, quando fica nítido a desigualdade social, a miséria, o desequilíbrio ecológico, tudo isso segundo ele mostra o quanto está desestabilizado os pressupostos hegemônicos da sociedade. Ou seja, a ideia de unidade que discrimina, das relações construídas em cima de uma visão materialista, está desmoronando.

Diante dessa crise, me coloco nesse trabalho no lugar de pessoa que quer contribuir para que saiamos dessa crise humana, ou seja, contribuir para nos tornamos mais humanizados. Promover o movimento de

1 Segundo Capra (1982, p.21) a cultura sensualista “sustenta que só a material é a realidade última e que os fenômenos espirituais nada mais são do que uma manifestação da matéria”.

caminhar para Si, em espaços e momentos onde somos tocados a refletir sobre nosso próprio processo, identificando quem somos, porque somos e como queremos ser pode ser um caminho para contribuir por uma sociedade mais humanizada.

Existe, portanto, um espaço na sociedade que pode contribuir para que esse processo humanizador seja potencializado, a escola. É na escola que também estabelecemos relações importantes para o nosso processo humanizador, uma dessas pessoas que estabelecemos fortes relações no contexto escolar é o professor.

Pessoa essa que quase nunca olha para o seu próprio processo, pois está sempre muito atarefado e preocupado com o outro, ou processos alheios. Por isso é no processo de olhar para Si do professor que essa pesquisa se ocupa, processo este que denominamos autoformativo. Espaço que se abre para a escuta daqueles que pouco são ouvidos, os professores. Afinal, a formação de professores precisa ser olhada sob essa perspectiva que dá vazão ao lado pessoal que também precisa ser trabalhado quando pensamos em formação de professores. Lembrando assim que esse professor é multidimensional, complexo, transdisciplinar e assim olha-lo a partir dessa lente.

Nóvoa (1995) repensa o contexto educacional, quando reconhece o fato de que a formação de professores tem um papel importante na configuração de uma nova profissionalização docente, que conseqüentemente vai refletir na reorganização do contexto escolar. Por tudo isso, a formação docente precisa ser revista, repensada e reconfigurada.

Tenho me detido a isso neste momento agora como pesquisadora, mediando o processo autoformativo a outros professores e me colocando também como professora em formação. É difícil ouvir as experiências de outros professores e não nos colocarmos no lugar deles, como seres humanos nos envolvemos e refletimos sobre nossa formação e prática pedagógica. Tudo porque somos leitores e re-leitores das experiências vivenciadas nesses momentos, assim explica Chiené (1985):

Pareceu-nos possível que no outro polo, o da relação com o texto, o autor tornado intérprete retraçasse o trajeto do não dito ou o não dito, se confrontasse com a reconstrução inacabada da experiência e compreendesse essa experiência, reapropriando-se assim dela. (CHIENÉ, 1985, p.133)

Moraes e Valente (2008) afirmam que mesmo que o pesquisador não se coloque como participante da pesquisa, ele assim o é, pois como seres humanos somos também participantes da construção da realidade que

habitamos, portanto não podemos observá-la totalmente de fora, essa posição de pesquisador participante é compreendida como o princípio da intersubjetividade, que segundo as autoras antes citadas, é reconhecida na ciência do século XX como um dos seus principais princípios.

Por tudo isso, neste trabalho trago o recorte do meu processo autoformativo e assim tenho como objetivo nesse texto narrar as experiências vivenciadas em meu processo autoformativo como pesquisadora, e assim discutirei transdisciplinarmente o que narrei e percebi de mim mesma, nesse momento de vivência autoformativa, respondendo ao seguinte questionamento: Como o meu processo de autoformar-se constituiu-se num processo humanizador de natureza transdisciplinar?

## **A AUTOFORMAÇÃO E SEUS COMPONENTES PLURAIS: UM OLHAR PARA A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO**

Se viver não é um caminho por nós construído, o que seria então? As vezes nos eximimos de responder essa pergunta por medo de assumir as consequências que trazem essa responsabilidade. A filosofia afirma que assumir o controle das nossas vidas nos liberta, mas também nos torna como diria Saint-Exupéry (1945) “te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.

Pineau e Galvani (2012) defendem que precisamos aprender a viver e nesse movimento se faz necessário interligar os polos individuais, sociais e materiais, os quais são mediados por alguns saberes, como: saber que preciso aprender sempre; saber contextualizar a minha formação a partir de minhas experiências; saber alternar períodos de trabalho e estudo; e principalmente saber ser transdisciplinar.

Transcender, ser sujeito da transdisciplinaridade. Mas antes de discutir transcendência, precisamos compreender, mesmo que de forma resumida o que é a transdisciplinaridade. A transdisciplinaridade de Basarab Nicolescu surgiu baseada nos estudos de Heinsberg sobre o princípio da incerteza e Bohr contribuindo com a lógica do princípio da complementariedade que a partir disso ele construiu os três pilares da transdisciplinaridade: 1. Diferentes níveis de realidade, 2. Terceiro Termo Incluído e 3. Complexidade (SANTOS et al, 2009).

Então transcender é o processo de se tornar sujeito da transdisciplinaridade, após perceber a complexidade da realidade e ampliar sua visão, esse sujeito muda, ressignifica, se transforma, pois consegue vislumbrar

as diversas dimensões que podem coexistir em uma mesma realidade, e não só isso, segundo Nicolescu (2000) o sujeito transdisciplinar consegue conviver bem com essa dinâmica, justamente por ter transformado sua visão.

Esse movimento de nos tornarmos sujeitos da transdisciplinaridade que nos compõe nos liberta e nos faz transcender, segundo Moraes e Batalloso (2015) nos envolve desde o primeiro dia de nossas vidas, por tanto transcendemos quando encontramos com nossa própria essência. Segundo os autores é o retorno do espírito sobre si mesmo que nos leva ao autoconhecimento. Moraes e Suanno (2014) traz esse processo de reviver as experiências com um tremendo potencial transformador, pois ao revivermos, podemos encontrar o sentido que antes não havíamos enxergado, colaborando para a subjetividade e a construção da identitária.

O convite então, que eu lhes faço, é que não fuçamos disso, que não tenhamos medo de nos aventurar nos percursos da nossa própria vida. A biografia educativa defende esse olhar para si com a intensão que tomemos posse da nossa própria construção humana e se entrelaça com a concepção de que essa reconstrução se faz pelo próprio sujeito, por isso é uma autoformação.

Assim, a ordenação do percurso de formação é uma narrativa periodizada é um trabalho simultaneamente individual e autopoietico e obra coletiva. Damos muita importância a essa importância da articulação no nosso método de trabalho, pois pensamos que ela é a ordenação, na nossa situação particular, do que caracteriza toda produção de conhecimento. Concretamente, permite a introdução da ideia de que essa produção é um processo consensual e a desmistificação da ideia correntemente verbalizada de uma objetividade científica *in abstracto* (JOSSO, 1978, p.70)

A fala de Josso (1978) revela a ligação da biografia educativa – quando ela diz: “percurso de formação é uma narrativa periodizada”, ela está falando da biografia educativa – e a autoformação, pois revela a essência orgânica desse processo. Suas bases repousam sob a ideia de auto-organização, princípio que emergiu dos estudos da cibernética e do sistema nervoso (CAPRA, 1996).

Os modelos baseados no princípio auto-organizador tem algumas características em comum, a primeira delas, segundo Capra (1996), está

no fato de que eles usam a perspectiva dos sistemas abertos que trabalham afastados do equilíbrio, e que existe um fluxo grande de energia e de matéria no sistema para que o movimento auto-organizador aconteça. Outra característica é que as conexões dentro do sistema são não-lineares o que proporciona a realimentação desse sistema.

Por envolver tantas dimensões que devem ser ritmadas pelo próprio dono do tempo formativo, se torna um processo tão complexo. É complexo principalmente por que esse processo formativo segundo Moita (1992) não acontece do nada e é uma troca constante de relações que está intrinsicamente ligado ao percurso de vida de cada sujeito.

Mais que complexidade, essa forma de ver o processo formativo revela a face transdisciplinar da autoformação, pois Pineau (1985) fala que o próprio indivíduo formado é o terceiro termo incluído e essa formação, quase que orgânica, só acontece na relação com o meio ambiente e com a sociedade. É essa individuação, que Pineau (1985) chamou de terceiro termo incluído que faz nascer a força da autoformação.

Por ser complexo o processo formativo, e o ser humano que está envolvido nesse processo, devemos considerar as várias dimensões estão envolvidas. Porém o foco desse trabalho é pensar na dimensão pessoal desse professor, que quase sempre é esquecida e a qual acredito ser o caminho para levar a visão transdisciplinar para a sua prática profissional.

Quando falamos do professor como pessoa e afirmamos que nosso foco é a dimensão pessoal, não queremos com isso excluir a dimensão profissional desse processo, lógico que ela faz parte dessa construção, ela compõe também aos polos de relação com os OUTROS e com o MEIO. Porém ela não é a parte mais importante do processo formativo do professor, mas a formação dele enquanto pessoa influencia diretamente na sua identidade profissional, é uma formação global como afirma Dominicé (1985), mas que para mim, neste trabalho, se inicia na construção da dimensão desse sujeito enquanto pessoa. Segundo Nóvoa (1992) o pessoal está para o profissional, assim como o profissional está para o pessoal, um alimenta o outro.

Por isso adotei nesse trabalho a perspectiva de autoformação descrita por Galvani (2002), que considera a existência de pluralidade de níveis de realidade, dialogando ao mesmo tempo dentro do processo formativo do professor. Galvani (2002) concebe o processo formativo acontecendo de forma tripolar, envolvendo três polos: autoformação, heteroformação e ecoformação.

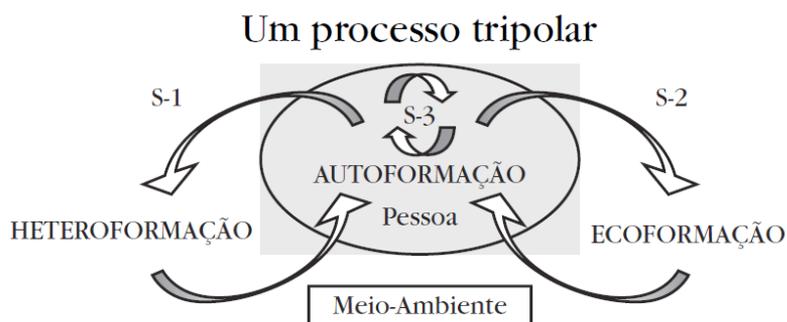
Entre a ação dos outros (heteroformação) e a do meio ambiente (ecoformação), parece existir, ligada a estas últimas e dependentes delas, mas à sua maneira, uma terceira força de formação, a do eu (autoformação). (PINEAU, 1985, p.100)

Quando usamos o termo autoformação não quer dizer que é um momento egocêntrico de formação, mas sim o processo de autoco-nhecer-se. É um processo formativo que tem suas bases na formação permanente e que usa os prefixos para deixar claro os polos de influência e não para separá-los e dizer que são processos diferentes, juntos eles formam um mesmo processo formativo (PINEAU, 2004).

Enquanto heteroformação condiz a relação do sujeito em formação com a cultura, sociedade e período histórico que atravessa esse processo formativo, e produz vivências que influenciam na construção do sujeito, é como aprender quem eu sou a partir do olhar do outro (PRIGOL e BEHRENS, 2015). Já a ecoformação diz respeito aos aspectos físicos, químicos, que dão forma a pessoa (GALVANI, 2002). Morin (2003) discute esse polo da ecoformação, afirmando que no processo de autonomia o ser humano é dependente do ambiente em que vive, pois é dele que ele retira energia e informação, o que ele denominou de auto-ecoorganização. Principalmente quando falamos em organizações vivas, segundo Moraes e Batalloso (2015), não se pode pensar em autonomia e desconsiderar a dependência desses sistemas vivos em relação ao seu entorno, ou seja, a autonomia é relativa e dependente, mas nunca aprisionada.

Esses três polos, autoformação, heteroformação e ecoformação que compõem o processo de autoformação docente, estão em eterno diálogo, interagindo de forma dialética com a porção interna cognitiva do sujeito em formação como aparece na Figura 1.

**Figura 1: Processo de autoformação**



Fonte: Galvani (2002, pg. 96)

Esse processo é dialético porque existe troca entre os polos, o sujeito recebe e dá devolutivas até chegar ao processo representado por S-3 na figura, que significa a tomada de consciência sobre seu próprio funcionamento. Essa tomada de consciência é reflexiva segundo Galvani (2002) e acontece por causa do diálogo traçado entre o sujeito e o meio que o cerca. Isso tudo mostra o quanto o processo de autoformação é plural e que seus movimentos de interrelações entre os níveis de realidade estão imbricados aos “processos de tomada de consciência, de interiorização e de descentralização” (GALVANI, 2002, pg. 102).

Essa interação entre autoformação, heteroformação e ecoformação se entrelaçam fortemente com os processos de retroação descrito acima por Galvani (2002) de forma a estarem imbricadas constituindo a base de uma concepção antropológica de formação do sujeito professor. Sobre o movimento (que ele chama de prefixo) dos polos Pineau (2004, p.156) afirma que “os prefixos apontam, desse modo, polaridades extremamente complexas, homogeneizantes e heterogeneizantes ao mesmo tempo, de colocar em relacionamento, de colocar em conjunto, em sentido, em forma.” Sendo assim, segundo o autor, esses prefixos estão para o movimento transdisciplinar e seus três polos: complexidade, níveis de realidades e terceiro termos incluído.

É transdisciplinar por se desenrolar nessa alternância tripolar, que só é possível por causa da existência de um sincronizador, ou seja, essa dialética tripolar é composta por duas dimensões opostas que se relacionam dialeticamente pela intervenção de um sincronizador, que Pineau (2004) achou ele dotado de uma “terceiridade volátil mas formadora” (p.191).

Para o autor pensar o processo formativo assim é entrar em uma perspectiva antropológica ternária, foi isso portanto que me fez trazer a autoformação como processo formativo que dialoga estreitamente com as minhas ideias de construção de sujeito, visão de mundo e principalmente de formação humana e assim de professores.

Segundo Pineau (2004) esses polos estão presentes em todos os momentos da vida do sujeito, convivendo de forma dialética, mas cada um deles pode se tornar evidente ao longo de cada momento da vida do sujeito. Na juventude por exemplo, o polo da heteroformação está em evidência, pois a formação daquele indivíduo está sob a responsabilidade de alguém mais velho, geralmente os pais; o polo da autoformação fica em evidência na fase adulta onde o sujeito é levado a tomar conta da sua vida e vivências; enquanto o polo da ecoformação se destaca mais para o

fim da vida, onde tomamos consciência da nossa fraqueza corporal e que ficamos mais a mercê das intempéries do contexto.

O termo autoformação foi o primeiro a surgir, ele catalisa para si muitas pesquisas sobre formação tudo porque segundo Pineau (2004) ele provoca um movimento de olhar para um processo de personalização e subjetivação na formação. O processo de subjetivação que deriva desse olhar para si mesmo permite que tenhamos as primeiras oposições ao ambiente e consegue assim compreender sua concepção do EU. É o termo que identifica o sujeito como protagonista de sua formação.

Já a heteroformação que promove a socialização com o meio que ele está inserido, permite ao sujeito compreender o lugar que ele ocupa no mundo. Afinal segundo Moraes e Bataloso (2015), nosso mundo aparece a partir da relação com o outro, aprendemos nesse cenário de troca e não de competição como é criado em muitas dimensões educacionais. Segundo Pineau (2004) o polo da heteroformação – o polo do social – é contraponto ao polo individual.

O terceiro polo é o da ecoformação, que segundo Pineau (2004) é o mais silencioso e sempre esquecido pelos outros dois polos que se fazem aparecer de forma mais evidente. A ecoformação, explicada anteriormente, promove a fusão entre sujeito e objeto. Goodson (1992) traz o ambiente como um aspecto essencial da prática profissional dos professores, estando ele entrelaçado de idiossincráticos as experiências de vida desses sujeitos e que por isso devem ser estudados e pensados considerando toda a sua complexidade. Afinal, como afirma Capra (1982) a nossa interação com o meio ambiente consiste em uma influência mútua, entre o meio externo e o nosso interior. Nessa relação ainda segundo o autor a nossa resposta ao meio vai depender das experiências que carregamos conosco, assim como propósitos, interpretação e percepção daquela realidade.

## **O MÉTODO (AUTO)BIOGRÁFICO COMO TÉCNICA DE CONSTRUÇÃO DE DADOS**

Método (auto)biográfico, histórias de vida, narrativas biográficas, muitos podem ser as denominações que foram dados a esse método que ao mesmo tempo pode ser de pesquisa do tipo investigação-ação, segundo Nóvoa (1988), ou de uma perspectiva de formação de professores recebendo o nome de biografia educativa (DOMINICÉ, 1982) está

ligado a outro processo de formação de professores que Gaston Pineau (1985) chamou de autoformativo.

Independente do nome ou para o que ele é usado os métodos de formação ou de pesquisa do tipo biográficos surgem como forma de protesto aos métodos gerados pela ciência positivista, pois começou a se perceber que dentro do ensino de ciências os métodos reconhecidos como científicos não davam conta de compreender toda a carga de subjetividade dessa área de conhecimento (SOUZA e FORNARI, 2008).

A singularidade de cada sujeito é algo que emerge e chega a ser também alvo de compreensão dos processos formativos dentro dessa perspectiva, porém ao mesmo tempo que torna esse processo muito rico de humanidade, torna mais difícil a sua aceitação e compreensão na comunidade científica.

Principalmente porque também está singularidade não é um dado simples, mas composto de elementos múltiplos mais ou menos emprestados, herdados, ordenados, misturando passado, presente, futuro, condicionamento e descondicionamento, consciente e inconsciente. (PINEAU, 2004, p.195)

Outra característica desse novo campo de pesquisa/formação que surge é o fato de que ele consegue segundo Nóvoa (1992) conjugar vários olhares de áreas de conhecimento diferentes, trazendo uma compreensão multifacetada dos fenômenos, o que lhe dá uma face interdisciplinar, o que também é uma dificuldade para a sua aceitação, mesmo sendo essa uma qualidade do método segundo o autor.

O que justifica o uso do método biográfico quando falo em compreender seres humanos, pois ele e sua relação com o MEIO e com o OUTRO é tão complexa que é impossível analisá-lo usando métodos que os tratam como algo possível de ser objetificado. Esse método segundo Moraes e Bataloso (2015) tem um potencial transformador, pois ajuda na promoção de sentido e significado na vida.

Dar voz aos que não são ouvidos, segundo Souza e Fornari (2008) é um dos objetivos desse método, pois é mais fácil se aproximar da realidade do contexto a partir da fala dos sujeitos que participam dele. Segundo Goodson (1992) é esse ingrediente, a voz do professor, que tem faltado nos processos de formação de professores. Mas ainda segundo o autor essa escuta deve ser real e total, não apenas seletiva, como muitos pesquisadores têm feito, deixando passar muitas problemáticas pessoais dos professores que são importantes para o seu processo de formação

enquanto pessoa. Talvez seja a característica que torna esse método tão humano e respeitoso a vida e a pessoa do professor.

A narrativa biográfica permite uma interação entre o participante da pesquisa e suas memórias que enriquece a construção da realidade pesquisada. Segundo Moraes e Suanno (2014) as narrativas nos ajudam a compreender a individualidade de cada professor, pois enxergamos o interior deles e percebemos com isso também a base de suas ações e práticas.

Além disso o método autobiográfico não é apenas usado como técnica de pesquisa, como falamos anteriormente, ele também é uma perspectiva de formação de professores. Segundo Nóvoa (1988, p. 166 e 167):

As histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que “ninguém forma ninguém” e que a “formação é inevitável um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida.”

Mais uma vez justifico o método autobiográfico para tentar atingir o objetivo de narrar e olhar para o meu próprio processo formativo, pois segundo Souza e Fornari (2008) falar ajuda no processo de pensar sobre si mesmo, ou seja, a crença de que o professor precisa ser reflexivo e que é desse processo que ele entra no movimento de autoformação. Afinal, segundo Maffesoli (1998), se nos atermos apenas ao causalismo racional não conseguiremos enxergar a complexidade humana e assim compreender suas questões existenciais.

O método autobiográfico como perspectiva metodológica e pedagógica quando falamos de processo formativo, processo esse que terá a mim como participante, pois essa pesquisa é recorte de uma pesquisa-formação desenvolvida com professores de ciências, no qual eu também me coloquei como participante.

A vivência autoformativa aconteceu entre abril e maio de 2020, ou seja, em meio ao auge da pandemia do COVID 19 e por isso todos os encontros aconteceram de forma virtual. Diante da realidade que estávamos vivenciando, nossas lembranças e sentimentos foram afetadas por aquela realidade sufocante do distanciamento social.

Esses momentos estão descritos no quadro 1:

### Quadro 1: Encontros e atividades da vivência autoformativa

Encontro	Atividade
1º Encontro - 1ª semana de abril	Diálogo sobre como iria funcionar nossa vivência autoformativa e direcionamentos para o próximo encontro
2º Encontro – 2ª semana de abril	Entrega das primeiras escritas no diário e compartilhamento de uma experiência nele registrada.
3º Encontro – 3ª semana de abril	Compartilhamento do que aprendeu com as experiências dos colegas e encaminhamentos para a construção de uma imagem relativa ao polo ecoformativo
4º Encontro – 4ª semana de abril	Apresentar a imagem que foi solicitada, nela devia conter espaço(s) que para eles marcaram seu processo formativo
5º Encontro – 1ª semana de maio	Avaliação da vivência autoformativa

**Fonte: organizado pela autora**

Diante de tantas narrativas naquela vivência formativa, me disponho agora a compreender melhor meu processo formativo tentando encontrar nesse movimento os espaços, pessoas, sentimentos e emoções que me atravessavam naquele momento.

## A TRAMA QUE COMPÔS MINHA TEIA AUTOFORMATIVA

Refletir e pensar sobre mim mesma, meus processos e vivências, se iniciou no primeiro momento dessa vivência autoformativa no qual fomos convocados a uma introspecção, que tocaram minha existência. E então pensando em como me tornei professora nada consegue ser tão marcante como a forma como entrei na universidade e fui fazendo escolhas, quase que intuitivamente até me tornar a conscientemente professora e pesquisadora.

E o ponto de partida de tudo isso, foi quando fui fazer a matrícula do vestibular, na inocência da época na qual tínhamos pouco acesso à formação, acabei escolhendo fazer biologia licenciatura, achando eu que iria me formar para ser bióloga, só depois da inscrição feita, é que soube que nesta modalidade do curso estava trilhando para ser professora. Tarde demais, agora era torcer para não passar e no próximo ano tentar o curso certo, mas para a minha surpresa, meu passaporte de entrada na universidade estava quase certo, pois a concorrência naquele ano para aquele curso na modalidade e horário que escolhi foi baixíssima! O que para uma estudante vinda de uma escola pública, sem a possibilidade de fazer curso preparatório, era a certeza de aprovação.

Então intuitivamente escolhi o curso certo para pelo menos entrar na faculdade, sim, pelo menos, pois minha pretensão ao entrar era tentar outro curso dentro da área de saúde, pensava assim por gostar muito de estudar o Ser Humano, mas também confesso que o caminho profissional que pretendia seguir dentro do estudo do Ser Humano tinha uma forte influência social, vinda principalmente de um ceio social que vivenciava desde o meu nascimento, a família.

A intuição segundo Vergara (1993) é orgânica, uma consciência vital para Junge, e sim é esse tipo de conhecimento que eu uso sempre que preciso tomar uma decisão sem ter conhecimento prévio de causa. Ainda segundo Vergara (1993) razão e emoção são duas faces do processo de decisão sendo a intuição um processo de perpassar a razão. Olhando para essa definição de Vergara (1993) me percebo essa pessoa que usa muito mais a intuição do que a razão para a tomada de decisões.

E foi a intuição que me fez desviar do caminho social que estava traçado para mim por meio da minha família. É natural segundo Pocinho et al (2010) que a família exerça essa influência, principalmente nesse momento específico de tomada de decisão, pois os jovens ainda estão muito baratinados e sem muita noção do que fazer e que caminhos tomar e então se ancoram na família pois é primeiro meio social no qual eles conseguem confiar. A família é a nossa primeira relação com os polos hetero e ecoformativos.

Mas enfim, passei no vestibular! Ciências Biológicas – UFRN2005.2 – licenciatura, que felicidade! Felicidade por ser Federal, mas conseguia perceber no semblante dos meus familiares mais próximos a decepção por entrar em uma federal para cursar uma licenciatura e foi sobre essa pressão de mudar de curso assim que pudeste que eu segui.

Pocinho et al (2010) afirma que a influência da família pode ser negativa, quando ela impõe uma tomada de decisão, no meu caso ninguém me impôs nada, mas estava nítido na cara de cada um a insatisfação com a minha escolha que em mim reverberava como pressão.

Sai da universidade determinada a me tornar essa professora pesquisadora, o que me fez começar a batalha pela formação na pós-graduação. Continuava amando estudar o Ser Humano e pretendia seguir em pós-graduações que me possibilitasse estudá-lo em profundidade, mas foi apenas no curso de mestrado, no ano de 2015, pagando as disciplinas obrigatórias, que eu percebi o quanto eu precisava estudar e compreender o Ser Humano. É importante dizer que meu curso de mestrado é intitulado de mestrado em Educação, Culturas e Identidades, ou seja, as

discussões estão em torno da educação, e mais do que isso, questões dentro das temáticas contemporâneas de educação, muitas delas eu nunca tinha escutado falar, como: transdisciplinaridade, inovação e cultura. Então eu olhava para mim, licenciada em um curso bacharelado e para os meus colegas que em sua maioria eram pedagogos ou vindos de curso da área de humanas, e me sentia uma criança ainda engatinhando. E essa posição assumida por mim nesses primeiros instantes era retificada por muitos professores ao perceber de onde eu vim.

Porém, um estalo me veio na fala de um professor quando ao me apresentar, no primeiro dia de aula da sua disciplina, repeti o mesmo discurso que fazia em todos os momentos que precisava falar sobre mim, desde o início do curso, que em suma vinha desta maneira:

“Meu nome é Carol, porque Carolina só quem me chama é minha mãe quando esta brava comigo ou em uma sala de espera de consultório médico. Sou licenciada em biologia e por isso me sinto ainda na superfície, me aprofundando de muitas teorias sociais de educação que estamos estudando aqui no programa.”

E ele antropólogo que era me analisou e me respondeu de uma forma que eu não esperava:

“Carol, você com certeza entenderá muito mais de Ser Humano do que todos nós, pois você já conhece o humano na versão biológica, o que é um trunfo que tu tens para se tornar uma grande socióloga.”

Nossa! Como eu não tinha pensado nisso antes? Olhar para o ser humano sob diversas óticas era o meu caminho! Foi então que me percebi amando estudar o ser humano social, psicológico, histórico, filosófico. Então se eu posso resumir esse meu trilhar em tornar-me a professora que estou hoje, posso dizer que fui marcada fortemente pelo espaço da universidade, espaço que me fez amar ser professora, seja pelos bons exemplos, assim como os “maus” exemplos. A família, pois a pretensão de me ver trilhando outra profissão, me forçou a tomar um posicionamento. E se penso em pessoas, logo me vem à cabeça os professores, que me tocaram de alguma forma com suas falas, mas principalmente com o seu exemplo. Castanho (2001) os professores marcantes, assim o são por construirmos com eles uma relação de afeto, que produz a confiança, por isso as palavras desses professores marcantes repercutem

positivamente. O que me fez refletir em como os professores ensinam com seus exemplos.

Isso porque o movimento de reflexão é quase que consequência dessa relação com o outro que compõe o polo que a gente chama de heteroformativo. A troca com outras experiências e formas de viver o mundo, nos leva mesmo a repensar nossos sentidos e valores. A heteroformação que promove a socialização com o meio que ele está inserido, permite ao sujeito compreender o lugar que ele ocupa no mundo. Afinal segundo Moraes e Batalloso (2015), nosso mundo aparece a partir da relação com o outro, aprendemos nesse cenário de troca e não de competição como é criado em muitas dimensões educacionais.

A fala que ecoou em todas as narrativas foi a presença do professor marcante, porém como o intuito da atividade era olhar para a fala do outro e refletir sobre o quanto podemos aprender ao ouvir as experiências dos nossos pares. De todas que ouvi a que mais me trouxe aprendizado foi as narrativas de uma professora que vou aqui chamar de Maria.

Maria me fez aprender por um motivo, seu alto potencial de resiliência, digo isso pois ela veio de uma formação não só acadêmica, como cultural, social, muito engessada, mesmo assim ela estava ali naquela vivência autoformativa muito aberta a entrar de fato no movimento de “caminhar para Si”.

Por exemplo, em uma das falas Maria, falou assim:

Minha reflexão é: o professor que estamos sendo, o que está ajudando a formar no outro? Ou que visão de professor os outros têm quando olham para nós?

Segundo Josso (2017) esse movimento reflexivo que Maria está sempre disposta a fazer é natural em uma vivência com essas características existenciais, e a consequência provável é a ressignificação das formas, de ver, saber, fazer e viver a docência. Por isso talvez ela estivesse conseguindo compreender um dos papéis mais importantes do fazer docente: a formação humana e mais que isso, que nessa formação humana nos ensinamos muito mais com as nossas ações.

Isso para mim deve ser o objetivo primeira da docência, compreender isso, nos torna professores marcantes e o que são esses professores? São professores que colaboram para a construção humana, que vai muito além do que nos ensinar o conhecimento científico, eles nos ensinam como devemos ser professores. Principalmente porque são esses professores pessoas bem mais velhas que nos, e segundo Pineau (2004) o

processo de heteroformação é mais latente quando a nossa troca acontece com pessoas mais velhas, pois a voz delas ecoam para nós como a voz da experiência e por isso ficamos atentos e abertos a aprender com essas pessoas.

E no terceiro momentos fomos convidados a olhar os espaços que construíram a nós em forma de arte, com a intensão de com isso tocar o polo ecoformativo. Eu então desenhei a imagem 2:

**Imagem 2 – representação dos espaços que atravessaram e atravessam o meu processo formativo**



Nele eu tento retratar que tantos espaços que por mim passaram que parece uma colcha de retalhos. O espaço na parte verde tem relação com o espaço da pesquisa, o que esta em vermelho com o espaço da afetividade, da troca o azul o espaço da universidade e todas as suas disputas e o espaço amarelo o espaço específico da minha dissertação de mestrado que me fez ressignificar muitas coisas.

E quando eu penso em espaços, acredito que foi no mestrado que houve uma divisão de águas no meu modo de viver minha existência. Por ter sido lá que tive contato com muitas teorias, pessoas e vivencias que nunca havia encontrado. Diante disso, o que vivenciei no mestrado foi apenas a cereja do bolo daquele espaço-tempo e a cereja no bolo serve para que? Para embelezar, dar um toque de sabor e foi isso que essa

vivência fez, deu arremate, me bagunçou e me fez compreender o que estava acontecendo comigo e assim reorganizar o que estava acontecendo comigo naquele espaço-tempo.

Isso porque os espaços que a gente vivencia nossas experiências tem um autopoder de ecoformador. Morin (2003) afirma que no processo de autonomia o ser humano é dependente do ambiente em que vive, pois é dele que ele retira energia e informação, o que ele denominou de auto-ecoorganização. Principalmente quando falamos em organizações vivas, segundo Moraes e Batalloso (2015), não se pode pensar em autonomia e desconsiderar a dependência desses sistemas vivos em relação ao seu entorno, ou seja, a autonomia é relativa e dependente, mas nunca aprisionada.

Percebi que estava em meio a uma bagunça existencial, me auto-ecoorganizando, quando passei por uma disciplina cuja a temática central era a transdisciplinaridade, uma teoria que eu nunca tinha ouvido falar e que tem um alto poder de desconcertar o que está organizado, pois bem, assim fez a transdisciplinaridade comigo, a desorganização foi tamanha, que só consegui perceber que a transdisciplinaridade estava para mim quando me vi diante da seleção do doutorado e ela gritou para mim, me pedindo para fazer parte da minha vida de pesquisadora também, foi aí que me percebi na tentativa de ser sujeito da transdisciplinaridade.

Acho que cheguei a abrir minha vida para a transdisciplinaridade porque minhas lentes mudaram, conseguia agora enxergar o mundo de forma mais complexa e a responsável por me fazer trocar as lentes foi o processo de pesquisa e escrita da minha dissertação. Isso porque após perceber a complexidade da realidade e ampliar sua visão, esse sujeito muda, ressignifica, se transforma, pois consegue vislumbrar as diversas dimensões que podem coexistir em uma mesma realidade, e não só isso, segundo Nicolescu (2000) o sujeito transdisciplinar consegue conviver bem com essa dinâmica, justamente por ter transformado sua visão.

Mas não tinha como pesquisar dentro da temática que eu pesquisei, vindo de onde eu vim e não trocar as lentes. Minha pesquisa tinha como temática principal as questões de sexualidade na juventude e na formação de professores, uma temática totalmente disruptiva para mim que sou evangélica e tinha uma visão engessada da temática. A pesquisa me confrontou, pois ela trouxe para mim outra forma de olhar para sexualidade, que a mim ainda não havia chegado. E nesse confronto de percepções sobre sexualidade, muita coisa em mim foi ressignificada, quase que obrigatoriamente.

No fim do mestrado percebi que não estava mais aquela Carol que buscava a zona de conforto, mas sim uma Carol que buscava o contrário disso, o caos, pois havia percebido que o caos nos faz repensar, refletir, ressignificar. Por isso que busquei e busco trazer esse caos para minhas pesquisas, acreditando que isso leva reflexividade ao Ser Humano. Me senti cada vez mais apaixonada por compreender o Ser Humano, só que desta vez, compreendendo que preciso contribuir de alguma forma para o nosso processo de humanização.

## ÚLTIMAS PALAVRAS

Encerro essa escrita deixando claro que ela não se encerrou de fato, ela apenas foi parada por exigências do momento, mas o processo de autoformar-se continua e deve continuar ao longo de toda nossa vida.

Mas uma coisa eu posso afirmar, narrar minhas experiências, ouvir e trocar com os outros me fez tornar-me mais humana e ampliar mais a minha visão de mundo, acredito assim que a cada vez que paramos para refletir sobre nós mesmos essa visão vai se tornando mais holísticas e assim caminhamos para a transcendência.

O método biográfico se mostrou uma ferramenta muito importante para fomentar o olhar para si, pois ele traz consigo a experiência do Narrar. Narrar nos leva reviver e assim repensar o que foi vivido, ou seja, o movimento de reflexão se torna vivido e abundante por causa dessa ação.

O ambiente remoto foi uma surpresa, era um ambiente “desacreditado” pela comunidade acadêmica de forma geral, como um lugar onde seria impossível vivenciar experiências tão humanizadoras como uma formação dentro da perspectiva autoformativa. Porém esse espaço se mostrou favorável a troca e deixou claro para nós que é possível trocar “calor humano” a distância, o que nos coloca dispostos a desenvolver outras experiências utilizando desse ambiente virtual.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**: A ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo, SP: Cultrix, 1982.

\_\_\_\_\_, \_\_\_. **A teia da vida:** Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo, SP: Cultrix, 1996.

CASTANHO, M. E. L. M. Sobre professores marcantes. In: CASTANHO, S e CASTANHO, M. E. L. M. **Temas e textos em metodologia do ensino superior.** Campinas, SP: Papyrus, 2001.

CHIENÉ, A. A narrativa de formação e a formação de formadores. (1985). In: NÓVOA, A. e FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação.** Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

DOMINICÉ, P. O processo de formação e alguns de seus componentes relacionais. (1982) In: NÓVOA, A. e FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação.** Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

GALVANI, P. **Autoformation et fonction de formateur.** Chronique Sociale, 2002.

GOODSON, I. F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores.** Porto: Porto Editora, 1992.

JOSSO, M. C. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. (1978). In: NÓVOA, A. e FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação.** Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, M. C. **A experiência de vida e formação.** Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo, SP: Paulus, 2010.

MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

MOITA, M. C. Percursos de formação e de transformação; In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores.** Porto: Porto Editora, 1992.

MORAES, M. C. e BATALLOSO, J. M. **Transdisciplinaridade, criatividade e educação:** Fundamentos ontológicos e epistemológicos. Campinas, SP: Papyrus, 2015.

MORAES, M. C. e VALENTE, J. A. Como pesquisar em educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade. In: MORAES, M. C. **Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MORAES, M.C. e SUANNO, J.H. **O Pensar complexo na educação: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Wak, 2014.

MORIN, E. CIURANA, E. R. MOTTA, R. D. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo, SP: Trion, 2000.

NÓVOA, A. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus (1988). In: NÓVOA, A. e FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_, \_\_\_. Formação de professores e formação docente. In: **Os professores e a sua formação**, do mesmo autor. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992.

\_\_\_\_\_, \_\_\_. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PINEAU, G. A autoformação no discurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. (1985). In: NÓVOA, A. e FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_, \_\_\_. **Temporalidades na formação: rumo a novos sincronizadores**. São Paulo, SP: Triom, 2004.

PINEAU, G. GALVANI, P. Experiências de vida e formação docente: religando os saberes – um problema paradigmático mais do que programático. In: MORAES, M. C. ALMEIDA, M. C. (org.) **Os sete saberes necessários à Educação do presente: por uma educação transformadora**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

Dias Pocinho, Margarida, Correia, Armando, Gil Carvalho, Renato, Silva, Carla. Influência do gênero, da família e dos serviços de psicologia e orientação na tomada de decisão de carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional* [en línea]. 2010, 11(2), 201-212 [fecha de Consulta 28 de Septiembre de 2021]. ISSN:. Disponível en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=203016849005>

PRIGOL, E. L.; BEHRENS, M. A. A formação e a prática pedagógica do professor do ensino superior: sob a luz do paradigma da complexidade e da transdisciplinaridade. In: MIGUEL, M. E. B.; FERREIRA, J. L. (org.). **espírito história, políticas educacionais e práticas pedagógicas**. Curitiba: Appris, 2015.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro, Editora Agir, 2009

SANTOS, A.C.S. e SANTOS, A. Obstáculos epistemológicos do diálogo de saberes. In: SANTOS, A. e SOMMERMAN, A. **Complexidade e transdisciplinaridade: Em busca da totalidade perdida**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

SOUZA, E. C e FORNARI, L. M .S. Memória, (auto)biografia e formação. In: VEIGA, I. P. A e D'ÁVILA, C. (orgs). **Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

VERGARA, S. C. Sobre a intuição na tomada de decisão: uma abordagem exploratória. **Revista de administração pública**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, jul/set, 1993.